

AGULHA REVISTA DE CULTURA

1999-2026 | CRIADA POR FLORIANO MARTINS

SÁBADO, 19 DE SETEMBRO DE 2026

JANUÁRIO SACAVENTO | TU CORAZÓN ES UN BOMBO / IL TUO CUORE È UNA GRANCASSA, DE ALESSIO BRANDOLINI

Alessio Brandolini
Tu corazón es un bombo

Traducción de Jeannette L. Clariond



Vaso Roto Poesía

A publicação de *Tu corazón es un bombo* pela renomada editora Vaso Roto destaca-se, imediatamente, pelo cuidado formal e pelo rigor de sua proposta bilíngue. A edição estabelece um diálogo geográfico e cultural riquíssimo: a obra original foi publicada em Milão (2022) e, ao ganhar esta versão em 2025, unifica as esferas literárias da Espanha, do México e da Itália.

A tradução, assinada por Jeannette L. Clariond, realiza um trabalho cirúrgico. Clariond consegue transpor a segura melódica e o ritmo por vezes fragmentado do italiano de Brandolini para um espanhol fluído, sem perder a crueza ou o mistério que habitam os versos originais. O design de página espelhada permite ao leitor fluir entre as duas línguas, transformando o ato de leitura em uma experiência de contraponto musical.

O prólogo, escrito por Francesco Tarquini sob o título *Desde el lado de la sombra*, é uma peça fundamental para abrir as portas do universo do autor. Tarquini não faz apenas uma apresentação biográfica; ele decodifica a estrutura interna do livro, identificando com precisão o motor central da obra: a memória como ferramenta de conhecimento diante da inevitabilidade da morte. Guiada pela epígrafe de Joseph Brodsky (*¿Qué sentido tiene el olvido / si después viene la muerte?*), Tarquini demonstra como o livro se organiza de forma compacta e musical em quatro tempos (as quatro seções da obra). Ele também ilumina as principais obsessões do poeta: a introjeção da figura paterna e o luto; a forte ligação com as raízes camponesas e a terra natal (Monte Compatri); e a natureza ambivalente da memória, que funciona tanto como um refúgio de afeto quanto como uma jaula do passado.

A poesia de Alessio Brandolini nesta obra afasta-se de sentimentalismos fáceis. Trata-se de uma lírica densa, marcada por um *falar duvidoso* e perplexo diante do mundo. O título do livro, extraído de um poema de Jorge Eduardo Eielson, carrega uma ironia dolorosa: o coração que bate como um bombo é a própria voz do poeta insistindo em ressoar, um pulso obstinado que atravessa o silêncio.

O livro divide-se em quatro partes nítidas que mostram o amadurecimento dessa jornada interior: Diário da cinza, O lado escuro da pureza, Caminho dentro de mim, e Teu coração é um bombo. A primeira, escrita sob o peso do confinamento de abril de 2020 em Roma, funciona como um diário espiritual diário. Versos como *Escribo un diario para no desmayar / y desaparecer* revelam a escrita como um ato de sobrevivência contra a dissolução do presente. Na segunda parte, sob o influxo dantesco, o poeta investiga o luto. A ausência dos pais, a dor física do palato ferido e a ansiedade ganham contornos nítidos. O poema “El humo de los bosques” dedicado à mãe, e as evocações ao pai enterrado com sua gravata marrom, são de um lirismo pungente, onde o abraço aos pais se desfaz como fumaça. Logo vem a terceira parte, inspirada por Ana Blandiana, onde o poeta explora o próprio corpo e mente como uma *cidade estrangeira*. A paisagem de Roma (o rio Tíber, o Gianicolo) funde-se com visões quase surreais de traumas coletivos (como os cemitérios militares de Montecassino). Por último, a seção final adota uma estrutura em prosa poética mais contínua, porém hermética. É aqui que os fragmentos se unem. Apesar do peso do passado, o livro encerra-se com uma busca ativa pela luz: a poesia aceita as suas próprias *fendas escuras* porque sabe que nelas reside o esplendor das estrelas.



FICHA TÉCNICA

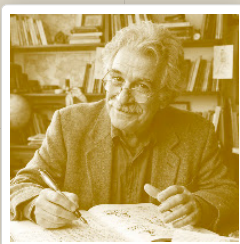


ÍNDICE GERAL | 2023-2026

Agulha Revista de Cultura # 221
Agulha Revista de Cultura # 222
Agulha Revista de Cultura # 223
Agulha Revista de Cultura # 224
Agulha Revista de Cultura # 225
Agulha Revista de Cultura # 226
Agulha Revista de Cultura # 227
Agulha Revista de Cultura # 228
Agulha Revista de Cultura # 229
Agulha Revista de Cultura # 230
Agulha Revista de Cultura # 231
Agulha Revista de Cultura # 232
Agulha Revista de Cultura # 233
Agulha Revista de Cultura # 234
Agulha Revista de Cultura # 235
Agulha Revista de Cultura # 236
Agulha Revista de Cultura # 237
Agulha Revista de Cultura # 238
Agulha Revista de Cultura # 239
Agulha Revista de Cultura # 240
Agulha Revista de Cultura # 241
Agulha Revista de Cultura # 242
Agulha Revista de Cultura # 243
Agulha Revista de Cultura # 244
Agulha Revista de Cultura # 245
Agulha Revista de Cultura # 246
Agulha Revista de Cultura # 247
Agulha Revista de Cultura # 248
Agulha Revista de Cultura # 249
Agulha Revista de Cultura # 250
Agulha Revista de Cultura # 251
Agulha Revista de Cultura # 252
Agulha Revista de Cultura # 253
Agulha Revista de Cultura # 254
Agulha Revista de Cultura # 255
Agulha Revista de Cultura # 256
Agulha Revista de Cultura # 257
Agulha Revista de Cultura # 258
Agulha Revista de Cultura # 259
Agulha Revista de Cultura # 260
Agulha Revista de Cultura # 261

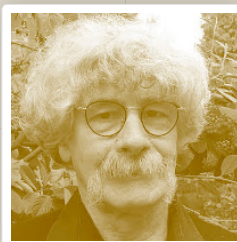
Cabe fazer algumas observações sobre as epígrafes utilizadas por Alessio Brandolini. Em geral, a epígrafe, antes de ser um tributo cego à totalidade da obra de um autor, funciona como uma chave de fenda textual: ela isola um fragmento e o ressignifica para abrir o poema que vem a seguir. Trata-se de afinidade com o texto citado — uma consonância de frequências poéticas no exato momento daquela enunciação. Em *Tu corazón es un bombo*, as epígrafes atuam quase como um conselho de espíritos guardiães, estabelecendo o tom metafísico, o cenário físico ou a rota psicológica de cada uma das quatro divisões do livro. Quero observar três delas: *What's the point of forgetting / if it's followed by dying?*, de Joseph Brodsky, verso que estabelece a tese filosófica que ancora o livro inteiro. Para Brandolini, o esquecimento não é uma bênção que alivia a dor, mas uma capitulação precoce diante do nada. Já que a morte é inevitável, a memória — por mais dolorosa e estilhaçada que seja — torna-se o único ato de resistência cognitiva viável. A outra epígrafe é de Dante Alighieri: *Il lato oscuro della purezza*. Este é o último verso do *Purgatório*. Após atravessar os círculos de sofrimento e expiação, a alma está finalmente limpa e pronta para a ascensão. Brandolini utiliza esse vetor de *purgação*, mas inverte o sinal: para ele, a pureza tem um lado escuro. A purgação dele não é teológica, é o luto terreno. Os poemas desta seção lidam com a morte da mãe e do pai. A afinidade com o texto de Dante reside na estrutura ascensional e na imagem das estrelas como guias que aparecem em momentos de desespero. No poema “El olvido que nos separa”, ele escreve que a poesia deve ser fiel às fendas escuras para *deixar um espaço ao esplendor das estrelas*. Para ver a estrela dantesca, Brandolini precisa primeiro aceitar a escuridão do luto. A terceira epígrafe é a que dá título ao livro, do poeta peruano Jorge Eduardo Eielson, *Tu corazón es un bombo*, que traz a imagem do corpo físico que se expande de forma estrondosa através do som. Como bem notou Tarquini no prefácio, há uma enorme ironia aqui. Brandolini usa o texto de Eielson para justificar o ritmo obsessivo e prosódico da última parte do livro. O batimento do bombo é a própria insistência da poesia em continuar falando, mesmo quando o mundo ao redor desmorona. Em suma, as epígrafes do livro funcionam como espelhos retrovisores: Brandolini olha para esses textos do passado não para imitá-los, mas para calibrar a distância e a velocidade de sua própria viagem em direção ao presente.

Tu corazón es un bombo é uma obra-prima sobre a perda, a persistência da memória e a reconstrução do sujeito por meio da palavra. Graças à edição cuidadosa da Vaso Roto e à sensibilidade da tradução, o público hispânico (e os leitores que se aproximam da obra) tem acesso a um dos momentos mais maduros e refinados da poesia italiana contemporânea. É um livro que exige lentidão, feito para ser escutado com a mesma atenção com que se ouve o eco de um tambor na noite.



JANUÁRIO SACAVENTO (Antares, 1959) é cronista anfíbio, patafísico de fim de semana e ex-aluno emérito do *Lyceo Pytanga*, onde obteve grau dez na nobre arte da cola criativa. Dedidou as últimas décadas a catalogar manuais cosmográficos invisíveis e a decifrar profecias de sineiros corcundas. Paira sobre ele a acusação de haver contrabandeado um manuscrito inédito do *Conde Lotrak* direto para os porões do *Vapor Velox*. Sacaento, no entanto, é um sobrevivente de três naufrágios tipográficos e colecionador de fitas K-7 borradas, atualmente exercendo o cargo fictício de diretor de resenhas do *Boggo del Pallone*.

PATRICK LEPETIT (França, 1953). Poeta, ensaísta, colagista e pesquisador ligado à rede acadêmica internacional *Mélusine*. Com forte atuação no Surrealismo contemporâneo, sua produção intelectual e artística investiga as correntes subterrâneas do movimento, mapeando os pontos de contato entre a criação estética, os mitos tradicionais, o hermetismo e as tradições esotéricas. É autor de diversas coletâneas de poesia (como *Rouge solaire* e *Beauté du funambule*) e de ensaios fundamentais, entre os quais *Le Surréalisme. Parcours souterrain* — obra laureada pelo *Institut Maçonnique de France* —, *Surrealism and Operative Alchemy* e *La tête d'Ogmios. Surréalisme et mythes celtiques*. Na vertente plástica, expande esse mesmo lirismo hermético para o campo das colagens e composições oníricas, projetando imagens ocultas do horizonte de nosso tempo. É o artista convidado da presente edição de *Agulha Revista de Cultura*.



Agulha Revista de Cultura # 262

Agulha Revista de Cultura # 263

Agulha Revista de Cultura # 264

Agulha Revista de Cultura # 265

Agulha Revista de Cultura # 266

ÍNDICE GERAL | 1999-2022



FLORIANO MARTINS



CRIADOR E EDITOR

FLORIANO MARTINS (Fortaleza, 1957). Poeta, editor, dramaturgo, ensaísta, artista plástico e tradutor. Criou em 1999 a *Agulha Revista de Cultura*. Coordenou (2005-2010) a coleção “Ponte Velha” de autores portugueses da Escrituras Editora (São Paulo). Curador do projeto “Atlas Lírico da América Hispânica”, da revista *Acrobata*. Esteve presente em festivais de poesia realizados em países como Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Equador, Espanha, México, Nicarágua, Panamá, Portugal e Venezuela. Curador da Bienal Internacional do Livro do Ceará (Brasil, 2008), e membro do júri do Prêmio Casa das Américas (Cuba, 2009), foi professor convidado da Universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos, 2010). Tradutor de livros de César Moro, Federico García Lorca, Guillermo Cabrera Infante, Vicente Huidobro, Hans Arp, Juan Calzadilla, Enrique Molina, Jorge Luis Borges, Aldo Pellegrini e Pablo Antonio Cuadra. Entre seus livros mais recentes se destacam *Un poco más de surrealismo no hará ningún daño a la realidad* (ensaio, México, 2015), *O iluminismo é uma baleia* (teatro, Brasil, em parceria com Zuca Sardan, 2016), *Antes que a árvore se feche* (poesia completa, Brasil, 2020), *Naufrágios do tempo* (novela, com Berta Lucía Estrada, 2020), *Las mujeres desaparecidas* (poesia, Chile, 2022), *Sombras no jardim* (prosa poética, Brasil, 2023), e *Obra-prima da confusão entre dois mundos* (poesia, Brasil, 2026). Contato: floriano.agulha@gmail.com.

ÉLYS REGINA ZILS





P. 16

Agulha Revista de Cultura

Número 266 | setembro de 2026

Artista convidado: Patrick Lepetit (França, 1953)

Editores:

Floriano Martins | floriano.agulha@gmail.com

Elys Regina Zils | elysre@gmail.com

ARC Edições © 2026



∞ contatos

<https://www.instagram.com/agulharevistadecultura/>

<http://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/>

FLORIANO MARTINS | floriano.agulha@gmail.com

ELYS REGINA ZILS | elysre@gmail.com



EDITORIA

ELYS REGINA ZILS (Brasil, 1986). Poeta, artista visual, tradutora. Doutoranda e Mestre em Estudos da Tradução pela PGET/ Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Letras-Língua Espanhola e Literaturas e Letras-Português também pela Universidade Federal de Santa Catarina/ Florianópolis, Brasil. Se dedica à Literatura Latinoamericana, pesquisando principalmente Vanguardas Literárias e Artísticas com ênfase em Literatura Surrealista Latinoamericana. Editora da Agulha Revista de Cultura (2023), revista criada por Florianio Martins. Tradutora, ao lado dele, de sua trilogia dedicada ao surrealismo, Bússola do Acaso. Tem sido responsável ainda, parcialmente, pela curadoria e tradução de poetas hispano-americanos para o Atlas Lírico da América Hispânica, da revista Acrobata. A Sol Negro Edições, casa de livros artesanais, publicou Os elementos terrestres, de Eunice Odio, edição bilíngue organizada e traduzida por ela. Atualmente tem em preparação a tradução de livros de Marosa di Giorgio e Olga Orozco, para a mesma Sol Negro Edições. Recentemente criou a Editora Mamma Quilla, cujo catálogo estreia com O dia dos cinco orgasmos (Leila Ferraz), Susana Wald – Visões vertiginosas da criação (ensaio e entrevista, ERZ) e Fragmentos de silêncio (poesia e colagem, ERZ), todos em 2024. Contato: elysre@gmail.com.

ARQUIVO LÚDICO SÉRIES, DOSSIÊS



ATLAS LÍRICO DA AMÉRICA HISPÂNICA



CODINOME ABRAXAS HOMENAGENS



CONEXÃO HISPÂNICA Crítica



DOCUMENTA POESIA BRASILEIRA



COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES CATÁLOGO



EDITORIA MAMA QUILLA Catálogo



MÚSICA FLORIANO MARTINS



REDE DE APROXIMAÇÕES LÍRICAS